



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ARMANDA MARTINS MARINHO

**O NEOLIBERALISMO NO BRASIL EM FACE A COVID-19: PROBLEMÁTICAS
EM TORNO DO BEM-ESTAR SOCIAL NAS PUBLICAÇÕES ONLINE “PANDEMIA
CRÍTICA (2020) ”**

**GUARABIRA
2022**

ARMANDA MARTINS MARINHO

O NEOLIBERALISMO NO BRASIL EM FACE A COVID-19: PROBLEMÁTICAS EM TORNO DO BEM-ESTAR SOCIAL NAS PUBLICAÇÕES ONLINE “PANDEMIA CRÍTICA (2020)”

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Área de concentração: História do tempo presente.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima

**GUARABIRA
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M338n Marinho, Armanda Martins.

O neoliberalismo no Brasil em face a COVID-19[manuscrito]: problemáticas em torno do bem-estar social nas publicações online "pandemia crítica (2020)" / Armanda Martins Marinho. - 2022.

19 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação: Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima, Coordenação do Curso de História - CH."

1. Neoliberalismo. 2. Bem-estar social. 3. Pandemia. I. Título

21. ed. CDD 320.513

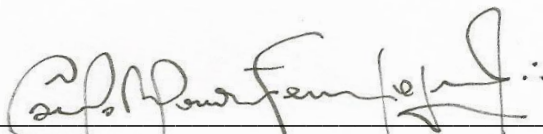
ARMANDA MARTINS MARINHO

O NEOLIBERALISMO NO BRASIL EM FACE A COVID-19: PROBLEMÁTICAS EM TORNO DO BEM ESTAR-SOCIAL NAS PUBLICAÇÕES ONLINE “PANDEMIA CRÍTICA (2020)”

Artigo apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Área de concentração: Historiografia, Literatura e Mídia.

Aprovada em: 18/07/2022.



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva (Avaliadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Luciana Calissi (Avaliadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Agradecimentos

Aos meus pais, meu noivo, familiares e amigos pela dedicação, companheirismo, amizade, luta e inspiração, DEDICO.

Sumário

1. Introdução.....	8
2. Do neoliberalismo moderno à contemporaneidade: um breve contexto histórico....	9
3. O impacto social da pandemia do Covid-19 no Brasil	13
4. A pandemia e seu reflexo no pensamento político social	15
5. A política econômica atual, o bem-estar social e o Estado Suicidário no Brasil da pandemia do Covid-19	16
6. Considerações finais	19
Referências.....	20

O NEOLIBERALISMO NO BRASIL EM FACE A COVID-19: PROBLEMÁTICAS EM TORNO DO BEM-ESTAR SOCIAL NAS PUBLICAÇÕES ONLINE “PANDEMIA CRÍTICA (2020)”

Armanda Martins Marinho¹

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade trazer reflexões acerca do neoliberalismo como regime político do Brasil atual através do que ocorreu durante a pandemia do covid-19. O enfrentamento da doença no país será nossa ferramenta para entender como o comportamento do atual governo pôde refletir aspectos neoliberais preexistentes. Temas como o bem-estar social e as garantias públicas serão enfatizados. Para tanto, foi usada a pesquisa bibliográfica através de autores clássicos, contemporâneos e, principalmente, a leitura dos textos publicados na revista online “Pandemia Crítica”, presente no site da Editora N1 – Edições.

PALAVRAS-CHAVE: Neoliberalismo; Bem-estar social; Pandemia.

ABSTRACT

This article aims to bring reflections on neoliberalism as a political regime in Brazil today through what happened during the covid-19 pandemic. Confronting the disease in the country will be our tool to understand how the behavior of the current government could reflect preexisting neoliberal aspects. Topics such as social welfare and public guarantees will be emphasized. For this, bibliographic research was used through classic and contemporary authors and, mainly, the reading of texts published in the online magazine "Pandemia Crítica", present on the website of Editora N1 - Edições.

KEYWORDS: Neoliberalism; Social-welfare; Pandemic.

¹Estudante do Curso de Licenciatura Plena em História pela UEPB – Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Centro de Humanidades Osmar de Aquino.

1. INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, foi registrado o primeiro caso do que viria a ser uma doença em nível global, conhecida como a pandemia do Covid-19². Com sua origem na China, na cidade de Wuhan, o vírus se espalhou rapidamente por todos os continentes. No Brasil, o primeiro caso foi detectado em 26 de fevereiro de 2020, fruto de viagem internacional feita por um homem de 61 anos vindo da Itália para São Paulo, confirmada pelo Ministério da Saúde.

A pandemia da Covid-19 é uma verdadeira abertura a interpretação da atual situação do bem-estar-social no Brasil. São muitos os apontamentos sobre o comportamento do governo frente estas problemáticas. E são essas problemáticas que fomentaram as discussões aqui presentes a fim de direcionar um olhar crítico ao modelo neoliberal no Brasil.

Por ser a doutrina econômica vigente no país, o neoliberalismo é o principal influenciador de ações diante de situações como uma pandemia. Com isso, como é de se imaginar, o olhar dos líderes governamentais se mostra diretamente voltado para a economia ao invés do bem-estar social, fazendo com que priorizem por atitudes que garantam o pleno funcionamento do capitalismo e não a garantia da rede de proteção.

A Pandemia Crítica é uma plataforma online da N-1 edições criada em 2020, onde diversos autores independentes puderam expor suas opiniões da situação atual do Brasil sendo contabilizados um total de 155 textos publicados, dentre os quais contam temas políticos, sociais, econômicos, ambientais e demais formas de olhares sobre o que aconteceu nesse período e seu respaldo na vida desta nação.

Dessa maneira este trabalho foi desenvolvido a partir de pesquisas bibliográficas acerca de como se compreende o neoliberalismo na atualidade, bem como o recorte desses textos presentes na plataforma online “Pandemia Crítica”, refletindo uma visão crítica desse tipo de sistema econômico fruto de tudo o que desencadeou a pandemia do covid-19. Assim, será trabalhado o aspecto político e social dos textos através de um recorte nos principais discursos associados ao bem-estar da sociedade em relação à pandemia aqui no Brasil.

Os textos trabalhados foram “Bem Vindo ao Estado suicidário” de Vladimir

² A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. (Fonte: OMS)

Saflate; “É o capitalismo, estúpido!” de Aurizio Lazzarato; “Dissecando o autoritarismo relutante e capacitista frente ao coronavírus no Brasil” de Francisco Ortega e Michael Orsini; “Crônica da psicodeflagração” de Franco Bifo Berardi; “Monólogo do vírus” (anônimo); “Aprendendo do Vírus” de Paul B. Preciado; “O covid 19 e os circuitos do capital” de Rob Wallace, Alex Liebman, Luis Fernando Chavez e Rodrick Wallace; “Corpos que (não) importam’ encham o lago de sangue. E ele está ali com seu Jetski” de João Marcelo de O. Cezar; “Neoviralismo” de Jean-Luc Nancy; “Justiça viral e transformação vital” de Marcio Costa; “Aspectos da catástrofe” de Peter Pál Pelbart; “Os afetos na pandemia: algumas considerações filosóficas e psicanalíticas” de Iasmim Martins; “Um país esgotado” de Moacir dos Anjos; “O direito universal a respiração” de Achille Mbembe; “Lavar as mão, descolonizar o futuro” de Denise Bernuzzi de Sant’Anna; “E daí, todo mundo morre? ’ A morte depois da pandemia e a banalidade da necropolítica” de Hilan Bensusan.

O texto foi dividido em quatro sessões que ajudaram no desenvolver das discussões e seu entendimento, de forma que foi disposto em: 1. Do neoliberalismo moderno à contemporaneidade: um breve contexto histórico, onde será apresentado um aparato do desenvolvimento neoliberal desde seu surgimento até o presente momento, 2. O impacto social da pandemia do Covid-19 no Brasil; apresentando como o Estado lidou com a pandemia e suas consequências para a sociedade; 3. A pandemia e seu reflexo no pensamento político social; expondo uma reflexão a cerca de como a sociedade é levada a solidificar crenças que influenciam diretamente na política social do Estado; 4. A política econômica atual, o bem-estar social e o Estado Suicidário no Brasil da pandemia do Covid-19, demonstrando as problemáticas geradas pelo governo diante de sua priorização pela economia.

2. Do neoliberalismo moderno à contemporaneidade: um breve contexto histórico

O capitalismo ao longo dos tempos se molda, adquire formas para conseguir se manter vigente. Um dessas formas é o neoliberalismo, tema crucial para esta discussão de tal maneira que vamos apontar aspectos históricos de como seu deu esse modelo econômico, bem como é presente nos dias atuais.

O neoliberalismo é uma doutrina econômica e política baseada na ideia de controle do mercado e construção de um Estado forte através de práticas

conservadoras. Em seu discurso, tem-se a ideia de liberdade e autonomia da economia como aspectos essenciais para o desenvolvimento de sua estrutura. O Estado por sua vez é o responsável pelas circunstâncias apropriadas ao seu funcionamento, fazendo com que mantenha o sistema, garantindo poder aos ideais neoliberalistas. Propõe, assim, uma doutrina voltada para a privatização, desregulação e flexibilização dos mercados, visando condições propícias para o seu fortalecimento.

O neoliberalismo vai surgir depois da Segunda Guerra Mundial na Europa, datado de meados de 1938, contra a teoria então dominante, o keynesianismo³, e sua política de bem-estar, que era base do modelo social de governo.

Iniciamente, temos um pequeno grupo de pessoas com esse mesmo pensamento ideológico que visavam criar bases sólidas para o seu desenvolvimento, a exemplo de Milton Friedman, Karl Popper e Lionel Robbins.

O que ocorreu é que o modelo econômico vigente (a social democracia) passou por uma crise pós-guerra que seria definida por altos gastos públicos, sindicatos e movimentos operários que levaram a necessidade de reorganização da economia. Com a justificativa de controlar inflação e conseguir estabilidade monetária foi necessário aumentar a desigualdade entre as classes sociais, a fim de conseguir uma estabilidade monetária:

O remédio, então, era claro: manter um Estado forte, sim, em sua capacidade de romper o poder dos sindicatos e no controle do dinheiro, mas pouco em todos os gastos sociais e nas intervenções econômicas. A estabilidade monetária deveria ser a meta suprema de qualquer governo. Para isso seria necessária uma disciplina orçamentária, com a contenção dos gastos com bem-estar, e a restauração da taxa “natural” de desemprego, ou seja, a criação de um exército de reserva de trabalho para quebrar os sindicatos. Ademais, reformas fiscais eram imprescindíveis, para incentivar os agentes econômicos. Em outras palavras, isso significava reduções de impostos sobre os rendimentos mais altos e sobre as rendas. Desta forma, uma nova e saudável desigualdade iria voltar a dinamizar as economias avançadas, então às voltas com uma estagflação, resultado direto dos legados combinados de Keynes e de Beveridge, ou seja, a intervenção anticíclica e a redistribuição social, as quais haviam tão desastrosamente deformado o curso normal da acumulação e do livre mercado. O crescimento retornaria quando a estabilidade monetária e os incentivos essenciais houvessem sido restituídos. (ANDERSON, 1995, p.2-3)

Para que intervenções neoliberais como essas acontecessem, ao longo da

³ A teoria keynesiana ficou conhecida como uma “revisão da teoria liberal”. Nesta teoria, o Estado deveria intervir na economia sempre que fosse necessário, a fim de evitar a retração econômica e garantir o pleno emprego.

decáda de 70 e 80, os países passaram ter governantes que difundiam o neoliberalismo a exemplo de Ronald Reagan⁴, presidente dos Estados Unidos em 1980 que trouxe em seu governo medidas de caráter neoliberal. Do mesmo modo, os ideais neoliberais se sucederam em diversos países como Dinamarca, Alemanha e grande parte do norte da Europa ocidental, ganhando força através de sua ideia de “anticomunismo”.

A forma que o neoliberalismo adentrou os diversos governos ocorreu de diferentes maneiras, de acordo com a situação socioeconômica, política e administrativa. O exemplo mais “puro” refere-se aos Estados Unidos que segundo Anderson (1995):

(...) contraíram a emissão monetária, elevaram as taxas de juros, baixaram drasticamente os impostos sobre os rendimentos altos, aboliram controles sobre os fluxos financeiros, criaram níveis de desemprego massivos, aplastaram greves, impuseram uma nova legislação anti-sindical e cortaram gastos sociais. E, finalmente – esta foi uma medida surpreendentemente tardia –, se lançaram num amplo programa de privatização, começando por habitação pública e passando em seguida a indústrias básicas como o aço, a eletricidade, o petróleo, o gás e a água. (p.3)

De modo geral, o neoliberalismo conseguiu atingir seus objetivos específicos como aumentar a desigualdade, desemprego e diminuir a inflação, mas seu grande foco em reanimar o capitalismo foi falho e se deve ao fato de não haver uma recuperação dos investimentos que pode ser explicada por Anderson (1995) pelo:

(...) aumento dos gastos sociais com o desemprego, que custaram bilhões ao Estado, e o aumento demográfico dos aposentados na população, que levou o Estado a gastar outros bilhões em pensões. (p.7)

Sendo assim, sintetizamos que as discussões acerca do neoliberalismo são originárias do início do século XX em paralelo a Segunda Guerra Mundial, são aprofundadas durante todo o período por vários agentes políticos, estendidas por diversos países e continentes, mas também promulgadas no século atual dentro da política, mas também no meio acadêmico, tal como Andrade (2019) enfatiza:

Foi somente a partir dos anos 2000 que a polêmica ao redor do neoliberalismo se requalificou academicamente, com cientistas sociais de diferentes especialidades se esforçando por oferecer definições mais precisas. Além das contribuições de Pierre Bourdieu, Loïc Wacquant e David Harvey, o debate se renovou com a publicação póstuma do curso de Michel Foucault intitulado *Naissance de la biopolitique* (2004). (p.02)

Atualmente, são comuns os apontamentos acerca do tema neoliberalismo,

⁴ O governo de Reagan destacou-se pela implantação de medidas neoliberais e pela imposição de práticas que visavam ao combate do comunismo fora dos EUA.

fato que comprova sua influência na realidade política dos países que tem como modelo de política econômica os ideais capitalistas, o que fomenta teses acerca do tema.

Como exemplo de discussões mais recentes sobre o mesmo, o filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), resignifica o conceito de neoliberalismo colocando-o como uma forma de governo que através de seu poder faz com que o Estado funcione de acordo com seus ideais. De tal modo Avelino (2019) traz que:

Como observou Bonnafous Foucault considera o governo como sendo o motor do liberalismo: o governo torna-se sua regra interna após o liberalismo promover sua ampla e inédita reconstituição conceitual. E essa reconstituição ampla do conceito do governo assumiu a forma de um enorme processo que Foucault chamou de governamentalização do Estado: um processo por meio do qual o liberalismo fez o conceito de governo explodir em todos os âmbitos da política cujo resultado foi a transformação do Estado unitário e centralizado na figura do Príncipe, num Estado descentralizado, não mais indexado na figura do Príncipe, mas agora indexado na conduta dos governados. Esse Estado, que ainda é o nosso, Foucault o chamou de Estado de governo: a terceira grande economia do exercício do poder na história das nossas sociedades. (p.09)

A vontade do governo se sobressai ao poder do Estado sobre tudo o que ele deveria garantir. E essa consequência neoliberal também foi apreciada em governos brasileiros que, além da privatização, aderiram a condutas que são reflexo dessa cultura neoliberal advinda de outros países.

No Brasil, o presidente Fernando Collor (1990-1992), foi o grande responsável pela sua difusão na sociedade e o seu sucessor, Fernando Henrique Cardoso (1995 – 2002) continuou isso através de privatizações visando à reestruturação social do Brasil. Sobre essa prática no nosso país David Maciel (2011), destaca que:

Mesmo considerando a presença de medidas e determinadas políticas de cunho neoliberal nos governos Figueiredo (1979-1985) e Sarney (1985-1990), consideramos que a implantação do projeto neoliberal no Brasil, como elemento condutor da ação governamental em todas as suas esferas, inicia-se no governo de Fernando Collor de Melo (1990-1992). Numa situação de prorrogação da crise de hegemonia burguesa iniciada nos anos 80 e de vigência precária da institucionalidade democrática recém instalada no Estado brasileiro, o projeto neoliberal emergiu como uma das alternativas históricas vislumbradas no interior do bloco no poder para atualizar sua dominação social.(p. 01)

Esses modelos de política que valorizaram o neoliberalismo passaram na história brasileira e foi desacelerada por governos como o de Luís Inácio Lula da Silva (2001-2011), com os mandatos da Presidenta Dilma que foi interrompido em 2014, após seu *impeachment*, o que fez com o país retome a política de cunho

neoliberal e desencadeie o que presenciamos nos dias atuais com um governo que fixa seu olhar na proteção dos avanços econômicos sem pensar nas garantias que o Estado propõe. E é dentro dessa perspectiva que iremos traçar reflexões sobre o impacto da pandemia do Covid-19 no âmbito da política econômica brasileira atual.

3. O impacto social da pandemia do Covid-19 no Brasil

Em 26 de fevereiro de 2020, ocorreu o primeiro caso de COVID- 19 no Brasil, na cidade de São Paulo. Rapidamente se disseminando, temos no dia 11 de março 52 casos confirmados no Brasil, sendo declarada pela OMS pandemia do novo Coronavírus.

Era o primeiro registro de algo inédito para a população, para o governo e para os demais campos da sociedade brasileira e internacional. A pandemia em sua proporção mexeram com a estrutura de qualquer país, estruturas estas que na quais já eram presentes diversos aspectos econômicos e sociais que representavam desafios ao governo. Essas consequências também chegaram ao Brasil.

Meses foram se passando e o impacto estrutural e emocional foi devastador tanto para os mecanismos de proteção de saúde como também para a direção das famílias no país inteiro que dependem da proteção social. A pandemia conseguiu trazer consequência maior que qualquer crise já vista anteriormente, isto é fato.

Até o primeiro semestre de 2022 já foram registrados mais de 32 milhões de casos confirmados da doença no Brasil⁵, sendo 671 mil computados com óbitos até o mesmo período. Fica evidente assim o impacto que a pandemia causou para nosso país.

Desde então entrava em cena a OMS – Organização Mundial da Saúde, principal órgão das Nações Unidas que tem por finalidade orientar em nível internacional e que, naquele momento, traria respostas para o mundo inteiro sobre o que estaria acontecendo.

Durante a pandemia, a necessidade acolhida pela Organização Mundial da Saúde era o Lock Down, como uma forma de conter a pandemia, porém o que se observou foi a resistência do governo e das grandes empresas que usavam da justificativa econômica totalmente arraigada no sentimento neoliberal para se

⁵ Fonte: Painel Coronavírus. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>.

sobrepôr ao bem-estar social. Assim, a ideia de um isolamento que é contrário à produtividade passa a ser divulgado constantemente na sociedade pelo Estado.

Contudo não houve uma organização do Estado em relação à medida que deveriam ser tomadas em cada âmbito estrutural da sociedade dando a devida atenção ao vírus. Isso ocorreu porque se esperava um maior controle do vírus através das estratégias do governo, mostrando que o neoliberalismo e sua política capitalista é incapaz de lidar com situações como esta.

As medidas iniciais foram de encontro ao posicionamento contrário do governo brasileiro retratando as principais vertentes do neoliberalismo que volta sua atenção diretamente para a economia ao invés de priorizar as vidas. Assim, o governo através de suas políticas econômicas tornou mais difícil o acesso a condições de higiene, prevenção e proteção da população contra o vírus elevando a desigualdade sociosanitária.

Este é um aspecto que aumentou relativamente a disseminação do vírus na sociedade, pois o negacionismo e relutância na execução das medidas de segurança imposta pela OMS, através da postura anticientífica, apontam para uma possível forma de evitar o “colapso financeiro” do país que ocorreria mediante a suspensão das atividades econômicas.

Por mais que muitas vezes se acredite na ideia de que o vírus veio deixar todos em situações iguais, isso não ocorre, pois não se tem como comparar as pessoas ricas que possuem condições de se protegerem do vírus, como ficando em casa, com pessoas que necessitam sair de quarentena para suprir suas necessidades básicas. Ou seja, o vírus é igual para todos, mas as condições de vida não são. Muitas precisam trabalhar, não tem acesso a um bom plano de saúde e nem hospitais. Então como podemos igualar tais circunstâncias?

Em “*Pandemia de desigualdades*”, de Pâmela Carvalho (2020), ela nos lembra do fato de que a desigualdade é algo que afeta a maioria da população mundial. Em “*pandemia e colapso do neoliberalismo*”, Verbicaro (2020) aponta que:

As classes mais pobres são sempre as mais afetadas em períodos epidêmicos, pois sentem mais diretamente as consequências da precarização do *emprego*; da *falta de investimento em saúde pública*; do *apartheid sanitário*; do *déficit de moradia* (favelização da moradia urbana); das condições inadequadas de alimentação e nutrição; da pobreza extrema que faz com que as condições de higiene sejam um luxo não acessível a

maior parte da população.(p. 02)

Isto se deve a uma busca incessante para que o comércio e a globalização não parem. Segundo Saflate (2020) no Brasil se encontra um estado “suicidário”, onde a dependência do neoliberalismo transforma a população em meros escravos. Não importa se muitos morrem, o importante é que a economia não pare, mas esta discussão será estendida mais adiante.

4. A pandemia e seu reflexo no pensamento político social

A insegurança do futuro trouxe temor, medo e angústia para a população. Segundo o texto *Monólogo do Vírus* (2020), isso poderia ser um recado do vírus para a humanidade apontando onde nós erramos e dizendo que ele não é o culpado pelas nossas mortes, mas nós mesmos, pois estamos sempre a destruirmo-nos como civilização através do capitalismo. Se a sociedade se importasse mais com o outro e com o planeta certamente teria condições de controlá-lo e até mesmo evitá-lo.

Mas, acima de tudo, Parem de dizer que sou eu quem está a matá-los. Vocês não estão morrendo por causa do que estou A fazer aos seus tecidos, mas porque deixaram de cuidar dos seus semelhantes. Se vocês não tivessem sido tão vorazes uns com os outros como foram com tudo o que vive neste planeta, ainda haveria camas, enfermeiros e respiradores suficientes para sobreviver à devastação que causei nos seus pulmões. (MONÓLOGO do vírus, 2020, n.p.).

Pensando dessa forma, ele veio como uma maneira de nos tirar da desordem que chamamos “normalidade”, desligando todo o sistema que nos rodeia principalmente em relação às condições de vida controladas que estamos submetidos, devendo ser visto como um salvador. De certa forma, nos permite tomar as direções de controle do sistema que rege nossa vida nos levando a pensar onde devemos mudar para criar um mundo melhor.

Analisando esse aspecto, as técnicas de biopolíticas da sociedade, levam o Estado a gerir a vida da população até a forma mais individual. Criou-se ao longo do tempo uma noção de uma sociedade formada por pessoas incluídas ou excluídas de modo radical tanto por questão econômica, como social e racial.

Tudo isso está arraigado em forma de crenças que dizem quem vale mais. Elas são passadas de geração em geração e podem ser reconhecidas em como a sociedade lida com negros, LGBT e pobres, por exemplo, com o feminicídio, preconceitos, assassinatos, entre outros.

Essa forma em saber lidar é o que faz diferença em tempos de crise. Quando um governo solidifica esses pensamentos dentro do propósito de governo ele estará criando também uma estrutura para lidar com as adversidades que o futuro pode trazer. O fato é que não existiam formas de se prever a pandemia nem os impactos que ela causaria, porém aqueles países que já haviam interiorizado uma política direcionada ao bem-estar social sofreu menos, pois não foi priorizada apenas a continuidade do desenvolvimento econômico, mas a proteção social em igual ou maior valor.

5. A política econômica atual, o bem-estar social e o Estado Suicidário no Brasil da pandemia do Covid-19

Na história das nações são notórios os vários momentos de crise. A pandemia, por exemplo, foi grande evidência de como uma crise afeta uma nação. No entanto, tais crises servem de termômetro para que percebamos se os esforços para viabilizar o bem-estar social são existentes ou não. Nessa perspectiva, fica fixada a nossa missão em entender como a política econômica (neoliberalista) interferiu nessa garantia de direitos durante a pandemia do Covid-19 no Brasil.

Para que possamos dar base a essa discussão precisamos trazer a tona conceitos como os de Estado de Bem-estar Social (*Welfare State*), modelo social, político e econômico desenvolvido em 1936 pelo economista britânico John Maynard Keynes⁶.

O estado de bem-estar social é um modelo social, político e econômico responsável por garantir os mínimos padrões de seguridade social e estrutural à sociedade. Assim, defende a implementação de políticas públicas como prioritárias dentro do modelo de governo que deve sempre priorizar por um único ideal: a segurança da população. Uma seguridade que deve ser garantida pelo Estado e abrange os campos da educação, previdência, trabalho e demais proteções sociais, inclusive a saúde a fim de minimizar as desigualdades sociais.

No Brasil, o atual modelo de política econômica está preocupado com os avanços dentro de seus índices. Mas até onde essa perspectiva pode ir a ponto de não interferir na proteção social? A resposta esteve ainda mais explícita durante a pandemia quando a garantia do sistema de saúde passou a ser inviabilizada através

⁶ John Maynard Keynes (1883-1946), economista britânico que publicou o livro *A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*.

de discursos que foram em desacordo com as orientações de órgãos como a OMS – Organização Mundial de Saúde, que orientava, entre suas estratégias, o isolamento social, por exemplo.

Durante a pandemia do Covid-19, o Brasil teve uma dualidade entre aqueles que viam esperança de retomada a “normalidade” através do isolamento social em grande escala, e outros que entendiam como prioritária a preservação da economia ao invés da responsabilidade com a saúde pública. Isso é reflexo de um sentimento ainda enraizado no neoliberalismo que estimula e sobrepõe o interesse econômico ao bem-estar social.

Até o ponto em que esse tipo de discurso fica apenas dentro das discussões populares e essas dualidades não passam de embates entre grupos da sociedade, ainda existe um controle para que não prejudiquem as seguranças sociais que devem estar além dos ideais econômicos. Isto é, o bem-estar social deve estar dentro da perspectiva do governo no mesmo grau de importância que quaisquer outros fatores, inclusive o econômico. Quando o governo passa a justificar os ganhos econômicos através do prejuízo de alguma política social, como a saúde, por exemplo, ele estará indo, inclusive, contra o que prevê a própria Constituição de 1988 em seu Art. 196:

Art. 196. A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação. (BRASIL, 1988, n.p)

E até mesmo contra o que prevê o Art. 06:

Art. 6. São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (BRASIL, 1988, n.p)

Não apenas inconstitucional, mas também reflexo do tipo de política econômica, este comportamento ressalta uma problemática que precisa a ser discutida: o estado suicidário implantado no Brasil.

Na revista virtual N-1 Edições, Vladimir Safatle⁷, professor livre-docente do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, em seu texto *Bem vindo ao estado suicidário*, fala sobre esse comportamento do governo enfatizando que:

⁷ Vladimir Safatle, professor livre-docente do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, professor-convidado das universidades de Paris VII, Paris VIII, Toulouse, Louvam e Stellenboch. É um dos coordenadores do Laboratório de Pesquisas em Teoria Social, Filosofia e

Há várias formas de destruir o estado e uma delas, a forma contrarrevolucionária, é acelerando em direção a sua própria catástrofe, mesmo que ela custe nossas vidas. Hannah Arendt falava do fato espantoso de que aqueles que aderiam ao fascismo não vacilavam mesmo quando eles próprios se tornavam vítimas, mesmo quando o monstro começava a devorar seus próprios filhos. (SAFATLE, 2020, n.p)

Sobre o conceito de Estado Suicidário Vladimir ainda aponta que:

Esse experimento do qual você faz parte, do qual te colocaram à força tem nome. Trata-se da implementação de um “estado suicidário”, como disse uma vez Paul Vinho. Ou seja, o Brasil mostrou definitivamente como é o palco da tentativa de implementação de um estado suicidário. Um novo estágio nos modelos de gestão imanentes ao neoliberalismo. [...] Pois vejam que coisa interessante. Na República Suicidária Brasileira não há chance alguma de fazer o sistema financeiro verter seus lucros obscenos em um fundo comum para o pagamento de salários da população confinada, nem de enfim implementar o imposto constitucional sobre grandes fortunas para ter a disposição parte do dinheiro que a elite vampirizou do trabalho compulsivo dos mais pobres. Não, essas possibilidades não existem. (SAFATLE, 2020, n.p)

Aliado a este conceito, o autor traz a indignação de que o governo não busca esforços em garantir do bem-estar social em justificava da continuação dos objetivos econômicos.

Dentro do pensamento de governos como este, o projeto neoliberal não pode parar mesmo que se arrisque a proteção da população. Esse posicionamento é algo histórico e também ressaltado pelo professor:

É claro que tal estado se funda nessa mistura tão nossa de capitalismo e escravidão, de publicidade de *coworking*, de rosto jovem de desenvolvimento sustentável e indiferença assassina com a morte reduzida a efeito colateral do bom funcionamento necessário da economia. [...] Na verdade, eles estão diante de senhores de escravos que aprenderam a falar *business english*. A lógica é a mesma, só que agora aplicada a toda a população. O engenho não pode parar. Se para tanto alguns escravos morrerem, bem, ninguém vai realmente criar um drama por causa disso, não é mesmo? E o que afinal significa 5.000, 10.000 mortes se estamos falando em “garantir empregos” (...) (SAFATLE, 2020, n.p)

A justificativa baseada na garantia de emprego é reflexo de uma política governamental que não pensa no bem-estar social. Tal como ao argumentar que isolamento social não era necessário e afetaria o funcionamento da economia não se estava levando em consideração a proteção social e as milhares de mortes que estariam por vir.

Esse comportamento do governo é referenciado em discussões atuais pós-pandemia como o entendimento trazido por Fonseca & Silva (2020):

Nos discursos proclamados em redes nacionais e mídias digitais, o presidente reafirmou, com veemência, que o caráter “inofensivo” do vírus

não justificava as medidas de isolamento horizontal, especialmente o denominado lockdown, entendendo que “outras gripes matam mais do que essa” (VANNUCHI, 2020). Para ele, o problema do novo vírus estaria, justamente, na necessidade de aplicação de medidas que viriam a travar a economia e gerar desemprego. E, mesmo depois de o Brasil contabilizar um número elevado de pessoas mortas pela contaminação do Sars-CoV-2, para pasmo dos profissionais de saúde e das autoridades sanitárias, sem o menor pejo o presidente veio a público relativizar o perigo da pandemia viral, adjetivando a doença, que tantas vidas já havia ceifado, como uma “gripezinha”. (p.64)

Equiparado ao pensamento de estado suicidário, o tipo de política disseminada pelo governo é reflexo desse pensamento neoliberal ainda entranhado nos modelos governamentais atuais.

Logo, é notório que esses modelos de governos presentes em países espelhados nos ideais neoliberais são sensíveis a crises a ponto de levar a nação ao prejuízo já que o propósito maior do Estado é deixado de lado e a garantia da proteção social é, por consequência, prejudicada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi descrito no início deste artigo, o propósito aqui foi analisar o pensamento neoliberal na contemporaneidade através do que se foi notado durante a pandemia do covid-19 no país. Aspectos como o comportamento do governo e os prejuízos por tais ações foram o alvo de nossas reflexões.

E apesar da intenção não ser a de trazer todas as soluções acerca de tudo que foi posto e discutido, as reflexões foram postas afim de que percebamos sobre o que ocorreu durante esta pandemia e os impactos no bem-estar social bem como o modelo de política econômica pôde interferir na vida de uma nação.

O modo como tudo foi tratado durante a pandemia demonstra qual a (des) preocupação e prioridades do atual governo no Brasil. Nada ocorreu de forma natural, tudo foi direcionado por um ideal que pôs o avanço econômico em primeiro lugar como se a proteção da população não fosse o mais importante naquele momento.

Trazer essas discussões é fazer com que consideremos todos os eventos presentes dentro da postura do governo como importantes a serem entendidos de forma que possamos perpetuar esta discussão ao ponto de formar defesa em prol da proteção dos propósitos do bem-estar social e de nossas garantias, fruto de uma luta histórica que não pode ser disconsiderada.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Painel Coronavírus**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 15 de junho de 2022.

ANDERSON, Perry. **Balanco do neoliberalismo** In: SADER, EMIR & GENTILI, PABLO. (ORGS). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 01-13. Disponível em: <http://www.unirio.br/unirio/cchs/ess/Members/giselle.souza/politica-social-ii/texto-1-balanco-do-neoliberalismo-anderson>

CHOMSKY, Noam. **O lucro ou as pessoas? Neoliberalismo e ordem global**. 1ª edição. (S.n):Bertrand brasil, 2002, p.1-90.

ROCHA, Maria Augusta Bezerra da. **Neoliberalismo, Desigualdade e Pandemia: uma análise das implicações do ajuste fiscal estrutural para o agravamento da pobreza e da desigualdade social na Pandemia da COVID-19 no Brasil (2020-2021)**. 2021.103f.: il. p. 1-97.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser-. **Assalto ao estado e ao mercado, Neoliberalismo e teoria econômica**. Estudos avançados 23 (66), 2009, p. 07-23. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/F8tmPL4Z7PBjDtnhzHV7hV/m/?lang=pt&format=pdf>

BASTOS, M. et al. **A Pandemia do novo coronavírus (covid-19): considerações sobre o neoliberalismo e o estado de bem-estar social nas ações governamentais**. Revista Augustus, v.25, n. 52, nov.2020/fev.2021, p. 94-111

Matta, G. et al. **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia**. Rio de Janeiro. Editora: Fiocruz, 2021.

Histórico da pandemia de COVID-19. OPAS Organização Pan-Americana da Saúde, [s.d]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 15 de julho de 2022.

RESENDE, Rodrigo. **Dois anos do primeiro caso de coronavírus no Brasil**. Rádio Senado,2022.Disponível:<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/02/23/dois-anos-do-primeiro-caso-de-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 07 de junho de 2022.

RUPRECHT, Theo. PINHEIRO, Chloé. **Coronavírus: primeiro caso é confirmado no Brasil. O que fazer agora?**. Veja Saúde, 2020. Disponível em:<https://saude.abril.com.br/medicina/coronavirus-primeiro-caso-brasil/>. Acesso em: 15 de julho de 2022

VERBICARO, Loiane Prado. **Pandemia e o colapso do neoliberalismo**. Voluntas: revista internacional de filosofia. Santa Maria, v.11, e3.p1-9, jul,2020. Disponível em:<https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/43190>. Acesso em: 15 de julho de

2022

FONSECA, André Dione Fonseca. SILVA, Silvio Lucas Alves da. **O neoliberalismo em tempos de pandemia: o governo Bolsonaro no contexto da crise da covid-19.** Revista de história e de geografia: àgora (st. Cruz Sul, Online), v.22, n.2, p.5875, julho/dezembro, 2020. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/agora/index>. Acesso em: 15 de julho de 2022.

MACIEL, David. **O Governo Collor e o Neoliberalismo no Brasil (1990-1992).** Revista UFG, Góias, 2011, p. 98 - 108.

AVELINO, Nildo. **Foucault, governamentalidade e neoliberalismo.** 2014, João Pessoa/PB, p.9.

SAFATLE, Vladimir. **Bem vindo ao estado suicidário.** Revista Pandemia Crítica, Editora N1-Edições, 2020.

Fonseca, André Dione Fonseca. SILVA, Silvio Lucas Alves da. **O Neoliberalismo em Tempos de Pandemia: o Governo Bolsonaro no contexto de crise da Covid-19.** Revista de História e Geografia Àgora, UNISC, 2020.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

____ESPING-ANDERSEN, G. **As três economias políticas do Welfare State.** Disp. em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/99DPRg4vVqLrQ4XbpBRHc5H/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 de julho de 2022.

MONÓLOGO do Vírus. Revista Pandemia Crítica, Editora N1-Edições, 2020.

CARVALHO, Pâmela. **Pandemia de desigualdades.** Revista Pandemia Crítica, Editora N1-Edições, 2020.

SAFLATE, Vladimir. **Bem Vindo ao Estado suicidário.** Revista Pandemia Crítica, Editora N1-Edições, 2020.

LAZZARATO, Aurizio. **É o capitalismo, estúpido.** Revista Pandemia Crítica, Editora N1-Edições, 2020.

ORTEGA, Francisco. ORSINI, Michael. **Dissecando o autoritarismo relutante e capacista frente ao coronavírus no Brasil.** Revista Pandemia Crítica, Editora N1-Edições, 2020.

BERARDI, Franco Bifo. **Crônica da psicodefagração.** Revista Pandemia Crítica, Editora N1-Edições, 2020.

PAUL, B. Preciado. **Aprendendo do Vírus.** Revista Pandemia Crítica, Editora N1-Edições, 2020.

CEZAR, João Marcelo de O. **Corpos que (não) importam enchem o lago de**

sangue. E ele está ali com seu Jetski. Revista Pandemia Crítica, Editora N1-Edições, 2020.

MONÓLOGO do Vírus. Revista Pandemia Crítica, Editora N1-Edições, 2020.

NANCY, Jean-Luc. **Neoviralismo.** Revista Pandemia Crítica, Editora N1-Edições, 2020.

COSTA, Marcio. **Justiça viral e transformação vital.** Revista Pandemia Crítica, Editora N1-Edições, 2020.

BENSUSAN, Hilan. **“E daí, todo mundo morre?” A morte depois da pandemia e a banalidade da necropolítica.** Revista Pandemia Crítica, Editora N1-Edições, 2020.

PELBART, Peter Pál. **Aspectos da catástrofe.** Revista Pandemia Crítica, Editora N1-Edições, 2020.

MARTINS, Iasmim. **Os afetos na pandemia: algumas considerações filosóficas e psicanalíticas.** Revista Pandemia Crítica, Editora N1-Edições, 2020.

ANJOS, Moacir dos. **Um país esgotado.** Revista Pandemia Crítica, Editora N1-Edições, 2020.

MBEMBE, Achille. **O direito universal a respiração..** Revista Pandemia Crítica, Editora N1-Edições, 2020.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Lavar as mão, descolonizar o futuro.** Revista Pandemia Crítica, Editora N1-Edições, 2020.

WALLACE, Rob et al. **O covid 19 e os circuitos do capital.** Revista Pandemia Crítica, Editora N1-Edições, 2020.